



Instituto de Letras

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Licenciatura em Letras/Português

Monografia em Literatura

CYNTHIA FUNCHAL CAMPOS

09/41883

**IDENTIDADE DE GÊNERO EM *DEIXEI ELE LÁ E VIM*, DE
ELVIRA VIGNA**

MENÇÃO	
---------------	--

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Virgínia Maria Vasconcelos Leal

Brasília-DF

2º/2014

CYNTHIA FUNCHAL CAMPOS

**IDENTIDADE DE GÊNERO EM *DEIXEI ELE LÁ E VIM*, DE
ELVIRA VIGNA**

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção de título de Licenciada em
Letras-Português da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a Dr^a Virgínia Maria
Vasconcelos Leal

Brasília-DF

2º/2014

“paga de mulherzinha o dia que der na telha, se estrepa até o útero, solta os piores palavrões, baba de raiva, esbraveja sua carência de gente, sucumbe seu ódio ao macho estereótipo, espia mulher que tu sente o mal da humanidade muito antes... engarrafa tudo para vender em tempos de guerra”.

(Aysha Santiago)

RESUMO

A presente monografia procura investigar os recursos utilizados para a construção e a interpretação da identidade de gênero da protagonista do romance *Deixei ele lá e vim*, da autora Elvira Vigna. É apresentada uma teorização das relações entre literatura, cultura, gênero e identidade a fim de se compreender a forma como a obra ficcional apresenta, através do discurso, diferentes maneiras de se ver e interpretar o sujeito.

Palavras-chave: literatura brasileira contemporânea, identidade, gênero, Elvira Vigna.

ABSTRACT

This monograph aims to investigate the resources used on the interpretation and construction on the genre identity of the protagonist on the novel *Deixei ele lá e vim*, Vigna Elvira. It is presented a theorization between literature, culture, genre and identity relation in order to make comprehensible the way literary fictional work presents, through the discourse, its different ways to interpret and analyze the individual.

Key words: Contemporary Brazilian Literature, identity, genre, Vigna Elvira.

RÉSUMÉ

La monographie en question cherche les ressources utilisées pour la construction et l'interprétation de l'identité de genre de la protagoniste du roman. *Deixei ele lá e vim*, de l'auteur Elvira Vigna. C'est présenté une théorisation de las relations entre littérature, culture, genre et l'identité a fin de se comprendre la forme comme l'oeuvre fictif présenté, par le discours, différentes manières de se voir et interpreter le sujet.

Mot-clé: littérature brésilienne contemporaine, l'identité, genre

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – LITERATURA, CULTURA E SUJEITO	10
Literatura e representação.....	10
Vozes e sujeitos.....	11
CAPÍTULO 2 – IDENTIDADE E GÊNERO	14
Identidade.....	14
Gênero/Sexualidade.....	16
CAPÍTULO 3 – DEFINIÇÕES SUSPENSAS: MASCULINO E FEMININO	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29

INTRODUÇÃO

O ser humano é dotado de pensamento e linguagem. Através do discurso, produto dessa mesma linguagem, cercado por significados e representações, o indivíduo interage, socializa-se e constrói sua cultura. A literatura assume uma função importante nessa construção, uma vez que, com o uso da linguagem, constrói, reconstrói ou mesmo enfrenta as representações e papéis sociais presentes na cultura com a presença de contextos e personagens. A criação e representação de personagens levam em consideração uma carga de conhecimentos, de vivências, de códigos e signos que tentam, de alguma maneira, recriar um elemento do nosso dia-a-dia. No entanto, embora o trabalho de criação autoral seja fundamental na compreensão da personagem, a literatura se dá como um processo comunicativo que também envolve o momento sociocultural do qual faz parte.

A noção de gênero tem sido assunto de pesquisas nas áreas que investigam o ser humano e a construção de identidades, como é o caso da Sociologia que, por sua vez, também pode convergir para os estudos da literatura. As obras da escritora, ilustradora e jornalista Elvira Vigna, em especial o romance *Deixei ele lá e vim* (2006), objeto de estudo desta pesquisa, buscam enfrentar e questionar os conceitos de gênero que a sociedade possui e renova constantemente.

A monografia busca compreender como o gênero e a representação de uma personagem são construídos na obra através de escolhas feitas pela autora e elementos que fazem parte do discurso da obra literária – descrição, passagens no texto, eventos da narrativa, visão de outras personagens –, dialogando com estudos feministas de gênero e conceitos de identidade investigados por outras áreas do conhecimento.

A divisão é feita três partes definidas, de maneira que seja possível relacionar melhor a teorização e a interpretação do texto literário. O primeiro capítulo apresenta a literatura como representação de uma cultura e, também, como instrumento de construção dessa cultura. Será abordada a forma como a literatura, por meio da linguagem, cria as vozes do sujeito dentro da estrutura narrativa, através da figura do narrador (no caso do romance, da narradora) e das personagens.

O segundo capítulo é dedicado à noção de identidade, com base nos estudos de Stuart Hall na obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, não como um conceito definido, mas como um processo contínuo de descentramento e fragmentação do sujeito. Além disso, será também abordada a problematização da ideia de gênero e sexualidade apresentada por diferentes autores e autoras.

Compreender o que se pode pensar sobre identidade de gênero é fundamental para a análise da obra *Deixei ele lá e vim*, de Elvira Vigna, presente no terceiro capítulo. Nessa parte, a obra é apresentada para, então, desencadear uma análise sobre os elementos utilizados na ficção na representação da identidade de gênero da personagem narradora Shirley Marlone.

É importante ter em mente que esta análise propõe uma das muitas interpretações que a linguagem pode fornecer no processo de interação que é a leitura. Como a própria autora em depoimento de sua página na *internet*, chamado “Pessoas perdidas, em trânsito ou de passagem”:

Linguagem não é uma expressão unitária regida por forças abstratas como racionalidade e pragmatismo, e cuja platitudo os escritores precisam combater para tirar dela alguma energia criadora. Linguagem é instrumento feito e refeito no momento mesmo em que é usado, e por qualquer um dos presentes – escritor ou leitor. (VIGNA, 2014, sp.)

CAPÍTULO 1 – LITERATURA, CULTURA E SUJEITO

Literatura e representação

Não é incomum ouvir, ao questionar a importância da leitura na vida do ser humano seja de mães, pais, familiares, professores/as ou conhecidos/as, a afirmação: “literatura é cultura”. Embora seja verdade que, muitas vezes, essa afirmação é feita levando em consideração o que seria ou não uma leitura “cultura” dentro de padrões sociais de uma classe intelectual e uma avaliação arbitrária da qualidade da literatura, é possível encontrar uma verdade nessa afirmação como ponto de partida para esta pesquisa. Literatura é cultura quando assumimos a existência de uma mão dupla, ou seja, a literatura faz parte da cultura de uma sociedade, assimilando seus códigos, símbolos e representações nas obras literárias e, ao mesmo tempo, age sobre ela, apresentando códigos, símbolos e representações que serão, por sua vez, interpretados e assimilados pelo/a leitor/a, também sujeito de cultura. Como afirma Fernando Seffner:

Por cultura entendemos toda a produção de significados simbólicos que dão sentido à vida em sociedade, nossas crenças e valores, nossos modos de ser e estilos de vida, os códigos morais e éticos, a organização das instituições que regram nossa vida, tudo isso constitui manifestações visíveis da produção cultural e simbólica (SEFFNER, 2011, p. 40).

Como referido na Introdução, o ser humano é dotado de linguagem e, através dela, é capaz de organizar seus pensamentos, produzir e interpretar significados, dentre eles, principalmente, a própria cultura. Se pela linguagem o ser humano é capaz de dar significação ao seu comportamento, seus valores e ao modo de ver e viver a sociedade e a cultura, a arte, no caso a literatura, é um dos meios capazes de participar desse processo de criação e transmissão de significados e representações. Através do discurso e dos enunciados presentes dentro do texto literário, a literatura cria representações de um mundo simbólico que existe em uma sociedade, influenciada pelas significações daquela cultura e pelas próprias intenções da autora ou autor da obra, suas experiências e sua forma de interpretar. Por sua vez, a leitora ou o leitor é capaz de interpretar e associar essas representações à sua cultura individual e ser modificado/a por elas.

Dessa forma, é possível assumir o caráter social da arte como parte de um meio cultural e social, que dele depende e sofre influência e, também, como agente sobre os indivíduos, sendo capaz de interferir na sua forma de ver e representar o mundo. Sobre essa perspectiva, Antônio Candido afirmou:

A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. (CANDIDO, 2011, p. 30)

Assim, mais do que apenas representação, a literatura é, também, construção. Construção de sentidos, significados, símbolos, sujeitos, memórias e identidades. Através do discurso e das escolhas de símbolos feitas pelo/a escritor/a, as representações podem ser criadas, transformadas, interpretadas ou representadas. Mas a obra não produz esse efeito pela simples organização das palavras, mas, principalmente, pelas diferentes vozes que, através delas, transmitem esse conjunto de sentidos que serão internalizados e interpretados pela leitura.

Vozes e sujeitos

Se a obra literária pode ser entendida como uma via de mão dupla dentro do espaço social em que está inserida, é necessário lembrar que ela faz parte de um processo que envolve mais do que somente o texto e suas representações, em que encontramos as vozes das personagens, do narrador e da própria cultura, mas também todos os sujeitos participantes, uma vez que ela é o produto do trabalho de um/a autor/a que será lido, interpretado, assimilado e mesmo contestado por um/a leitor/a.

O texto literário, concebido por meio da linguagem verbal, é parte de uma situação de comunicação que surge a partir de duas instâncias: a enunciação, ou seja, o ato produtor, a ação de falar ou escrever, e o enunciado, resultado ou produto dessa enunciação (OLIVEIRA e SANTOS, 2001, p. 01). A obra, então, apresenta um narrador, sujeito da enunciação, produtor de um enunciado que diz respeito a uma personagem, sujeito desse mesmo enunciado. A literatura apresenta a figura do narrador, que imprime visões e impressões da situação narrada, e da personagem, que vive a situação diante dela a partir de suas próprias visões e

impressões do mundo. Como o enunciado, assim como os próprios sujeitos existentes na obra produzida – narrador e personagem –, é produzido por vozes carregadas de significações, elas existem em função da própria inserção do autor ou autora em uma cultura e um tempo na história. Assim, “as vozes do narrador e das personagens soam através de uma outra voz que as articula em conjunto. Essa voz, agregadora mas múltipla, é a voz do autor” (OLIVEIRA e SANTOS, 2001, p. 04):

O narrador, sujeito da enunciação e responsável por criar, através das palavras impressas no papel, determina uma visão, um ponto de vista direcionador da história narrada, a partir de um conjunto de convenções e intenções.

O narrador, como articulador da narração, determina o ponto de vista. Sendo assim, a narrativa constrói-se através de uma série de convenções que se revelam a partir do ponto de vista escolhido. (...) Com isso, tem-se a impressão de que se deseja destacar justamente um determinado modo de relacionamento com as coisas, a presença de um sujeito capaz de delimitar e controlar o seu campo perceptivo ao imprimir sua subjetividade na matéria narrada. (OLIVEIRA e SANTOS, 2001, p. 04)

A autora ou o autor do texto, como indivíduo que existe em um meio social e dele dificilmente pode se dissociar, transfere para a obra e para a construção das vozes do texto, as suas próprias intenções e o contexto em que está inserido/a, seja ele social, político e/ou histórico. Por mais distante que a/o artista tente ficar da obra, na busca para dar vida própria à sua literatura, ela/e utiliza a obra “como veículo das suas aspirações individuais mais profundas” (CANDIDO, 2011, p. 35). Mikhail Bakhtin, ao dissertar sobre o discurso na obra literária, afirma:

Todas as palavras evocam uma profissão, um gênero, uma tendência, um partido, uma obra determinada, uma pessoa definida, uma geração, uma idade, um dia, uma hora. Cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções. Nelas, são inevitáveis as harmônicas contextuais (de gêneros, de orientações, de indivíduos) (BAKHTIN, 2010, p. 100).

Da mesma maneira que o/a autor/a transmite para as palavras do texto literário a sua própria subjetividade e o contexto em que está inserido/a, o/a leitor/a, por sua vez, também atua não apenas como receptor do texto literário, mas como agente construtor de significados, fazendo associações, inferências, interpretações e preenchendo eventuais rastros e lacunas, intencionais ou não, que a obra apresenta. Essa ideia é apresentada por Robson Tinoco quando cita Hans Robert Jauss ao dissertar a respeito do sentido da recepção emancipadora da leitura:

Para Jauss, o texto se compõe como sistema de combinações (linguísticas, literárias etc.) e, nesse sistema – organizando-o e inferindo-o –, deve haver também um lugar para o *leitor-combinador*. Esse lugar de combinação é oferecido pelos “vazios” no texto, que assim se apresentam para a devida ocupação de quem o está recebendo. Jauss considera que, como não podem ser preenchidos pelo próprio sistema original para tal combinação, só o podem ser por meio de outro sistema – originário do leitor. Quando tal processo se estabelece, inicia-se a “atividade de constituição”, na qual tais vazios funcionariam como pontos de convergência da interação do texto com o leitor (TINOCO, 2010, p. 25).

Quando consideramos os sujeitos envolvidos no processo de comunicação que a obra literária proporciona – autor/a e leitor/a –, é necessário percebê-los como indivíduos que vivem em um tempo histórico e estão inseridos em um meio social, dotados de cultura e subjetividade. Logo, por mais fragmentada e multifacetada que ela possa ser, esses sujeitos possuem ou buscam uma identidade, entendida, construída, destruída e reconstruída constantemente na sociedade atual. O conceito de identidade que será utilizado como base na monografia será trabalhado no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2 – IDENTIDADE E GÊNERO

Identidade

O ser humano é um sujeito de cultura. Podemos entender sujeito de cultura como um indivíduo que existe em uma sociedade. Por estar inserido em um contexto social, o ser humano está submetido a um conjunto de instituições, pensamentos, valores, símbolos e ideologias pertencentes àquela sociedade no momento histórico em que vive e do qual recebe influência. Mas por ser um indivíduo, também possui uma forma de ver e interpretar esse conjunto do meio social através da sua própria subjetividade, podendo ser ativo dentro dessa sociedade e exercer influência sobre ela e as pessoas que estão à sua volta, da mesma maneira que é influenciado por elas.

Por muito tempo, o ser humano buscou compreender e definir a si próprio através de uma identidade, conceito que teve diferentes percepções ao longo da história. Uma determinação una e concreta, atualmente, é difícil de ser concebida. Apesar da busca por uma definição, a modernidade está em constantes mudança e transformação, de maneira rápida e descontínua. O sujeito não possui mais um lugar fixo, um padrão com o qual consegue se identificar ao longo de toda a vida, mas possui diferentes posições e identificações. Como afirma Stuart Hall:

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado de plenitude. (HALL, 2006, p. 39)

Hoje, existem diferentes visões de mundo, ideologias, posições políticas, religiões, pensamentos, grupos e ideias com as quais o indivíduo pode construir e desconstruir laços. É difícil pensar, por exemplo, em uma mulher simplesmente como “mulher”. Existem “mulheres”: negras, brancas, pardas, indígenas, católicas, budistas, espíritas, ateias, graduadas, analfabetas, casadas, solteiras, separadas, juntadas, surdas, vegetarianas, lésbicas, bissexuais, heterossexuais, transexuais,

professoras, diaristas, empresárias, motoristas, donas de casa, mães, avós, filhas, idosas, jovens, adultas...

Inserido na sociedade, o ser humano percebe a si próprio através da forma como essas representações podem ser associadas em um determinado momento de suas vidas e, também, através da maneira como ele/a se vê diante do outro. As constantes mudanças que vive o mundo contemporâneo permitem que essas visões estejam em um processo contínuo de construção e modificação, uma vez que não há mais um todo ou um centro, mas, sim, vários fragmentos que podem ser associados e dissociados conforme o contexto. Stuart Hall entende a identidade como fragmentada e descentralizada, em um processo constante de mudança e transformação que acompanha o indivíduo ao longo de sua vida.

Entre um dos descentramentos apresentados por Hall está o impacto do feminismo, tanto como crítica teórica quanto como movimento social, que emergiu ao lado de outros movimentos da década de sessenta, como movimento de contracultura. Assim como outros movimentos, o feminismo afirmava tanto as dimensões subjetivas quanto as objetivas da política e apelava para a identidade social. Porém, além dos pontos de convergência com outros movimentos, o feminismo trouxe uma relação mais direta com o descentramento conceitual do sujeito (HALL, 2006, p.45). Stuart Hall apresentou tópicos específicos sobre as influências do feminismo e das questões de gêneros apresentados por esse movimento na construção da identidade pós-moderna:

- Ele abriu, portanto, para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social (...).
- Ele também enfatizou, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos genericados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas).
- Aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da *posição* social das mulheres expandiu-se para incluir a *formação* das identidades sexuais e de gênero.
- O feminismo questionou a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, a “Humanidade”, substituindo-a pela *questão da diferença sexual*. (HALL, 2006, pp. 45-46)

O sujeito encontra, nos grupos sociais, diferentes formas de identificação, que podem levar em consideração mais do que apenas sua natureza biológica (homem ou mulher, por exemplo), mas, também, a forma como ela/e se vê e se sente dentro de sua individualidade e, também, diante da sociedade.

Gênero/Sexualidade

Uma vez que os processos de identificação podem ser entendidos como construções sociais, é possível incluir gênero e sexualidade, também, como fruto de das representações e construções que existem no meio social e nas relações entre sujeitos. Embora possam ser estudados e compreendidos de forma conjunta, é importante lembrar que existem diferenças entre a ideia de gênero e sexualidade. Guacira Lopes Louro apresenta as identidades sexuais como formas de viver a sexualidade, as identidades de gênero como a forma como o sujeito se identifica enquanto masculino ou feminino:

(...) Suas *identidades sexuais* se constituíam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas *identidades de gênero* (LOURO, 2014, p. 30).

Para a autora, gênero e sexualidade, em suas diferenças, possuem o ponto em comum de serem construções sociais, fruto dos discursos, o que pode ser percebido quando a autora afirma que:

Se Foucault foi capaz de traçar uma história da sexualidade, isso aconteceu pelo fato de compreendê-la como uma “invenção social”, ou seja, por entender que ela se constitui a partir de múltiplos discursos sobre sexo: discursos que regulam, que normalizam, que instauram saberes, que produzem “verdades” (LOURO, 2014, p. 30).

Entender o gênero como uma construção social compreende que, em uma sociedade na qual papéis são constantemente atribuídos e seres humanos buscam constantemente uma definição de quem são, sujeitos e identidades transformam-se à medida que a sociedade também o faz. O ser humano, enquanto sujeito social e de construções múltiplas, age sobre sua cultura, seus costumes e suas instituições, definindo-os e moldando-os conforme o pensamento da época e, ao mesmo tempo, é influenciado por essas mesmas definições e moldes. Sobre isso, Guacira Lopes Louro ainda afirma que “as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições ‘fabricam’ os sujeitos” (LOURO, 2014, p. 39).

Ser “mulher” ou ser “homem”, em uma sociedade em movimento, torna-se motivo de problematização, uma vez que a sociedade contemporânea vestiu-se de diferentes causas e roupagens sociais, diferentes grupos e ideias surgiram para tentar desconstruir todos os conceitos até então conhecidos e definidos. É muito difícil – para evitar o termo “impossível”, que já é uma definição por si só – imaginar que o mundo globalizado, em que pessoas e coisas constantemente vêm e vão, pode trazer, para a sociedade, papéis definidos e fechados em um conceito imutável. O feminismo trouxe à discussão a representação de papéis e a importância de se rever quem é a mulher na sociedade e as relações de dominação existentes entre homem e mulher, abrindo portas para toda uma desconstrução do gênero. O papel feminino e o papel masculino, que ainda hoje encontram defensores de um caráter permanente, trazem um “um pensamento dicotômico e polarizado sobre os gêneros” que é preciso ser desconstruído, e não mais visto como “polos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão” (LOURO, 2014, p. 35).

Romper a dicotomia poderá abalar o enraizado caráter heterossexual que estaria, na visão de muitos/as, presente no conceito de “gênero”. Na verdade, penso que o conceito só poderá manter sua utilidade teórica à medida que incorporar esses questionamentos. Mulheres e homens, que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas das hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representadas/os ou reconhecidas/os como “verdadeiras/verdadeiros” mulheres e homens, fazem críticas a esta estrita e estreita concepção binária (LOURO, 2014, p. 38).

Das portas que são abertas, surgem discussões – e desconstruções – do gênero, já não mais como uma noção que é carregada pelo sujeito desde o seu nascimento, mas como, de fato, uma construção social que pode surgir, também, através de uma assimilação. Ou seja, a identificação com um gênero se dá não apenas pelo sexo biológico, mas também por aquele com o qual o sujeito se identifica através de suas experiências e subjetividades.

Ao sair do eixo “homem-mulher” apenas como definições de um sexo biológico, é possível pensar diferentes identidades que surgem através da construção de uma subjetividade (como “eu me sinto” e como “eu me vejo na sociedade”) que pode diferenciar o corpo com o qual uma pessoa nasceu do gênero com o qual essa pessoa se identifica, como coloca Elizabeth Zambrano ao discorrer sobre transexual:

O sujeito transexual descreve a si mesmo como pertencente a um gênero discordante do sexo biológico com o qual nasceu. Tem a experiência subjetiva de si como a do sexo oposto a seu sexo biológico e quer viver socialmente de acordo com tal convicção. Utiliza a própria subjetividade para construir e dar sentido a uma “identidade”, ainda que em desacordo com a expectativa cultural da combinatória do sexo/gênero. (ZAMBRANO, 2011, p. 98).

As travestis, por outro lado, não buscam apenas representar os papéis sociais “pré-definidos” para os gêneros masculino e feminino, mas reivindicam, para si, um gênero próprio, desconstruído, que buscam, de certa forma, “balançar” a instituição homem e mulher e trazer à tona outra identidade: nem homem, nem mulher, mas travesti. Essa ideia é colocada por Keila Simpson, que traz a desconstrução da ideia de gênero proposta pela travesti que, diferente do binário masculino-feminino, biológico ou construído, e apresenta uma própria identidade:

As travestis vieram ao mundo para jogar o gênero de cabeça para baixo, pois tudo passa a ser questionável em matéria de gênero quando afirmam que não querem ser homens nem mulheres, reivindicam a identidade de travesti sem, contudo, pensar em um terceiro sexo. (...) eu defendo que as travestis querem a ambiguidade, mas com identidade. (SIMPSON, 2011, p. 113)

As discussões de gênero (homem, mulher, travesti) como construção social e as discussões sobre sexualidade (heterossexual, bissexual, homossexual) que vêm em conjunto com a desconstrução da visão social heteronormativa de feminino/masculino trazem, para a sociedade e a noção de sujeito, a proposta de descentramento do indivíduo e deixam evidente a importância de sempre colocar em discussão que o ser humano é, por si só, fruto de uma cultura e de uma sociedade que já não é mais a mesma de séculos, décadas, anos e mesmo dias atrás. Não é mais possível pensar em uma totalidade quando, no cotidiano, é possível encontrar diferentes formas de vivenciar essa cultura e trazer para dentro do sujeito papéis sociais que mudam ao lado das mudanças enfrentadas pela própria sociedade.

Tais discussões serão representadas no capítulo seguinte, em que será feita uma análise da identidade de gênero da protagonista e narradora do romance *Deixei ele lá e vim*, de Elvira Vigna.

CAPÍTULO 3 – DEFINIÇÕES SUSPENSAS: MASCULINO E FEMININO

Ao adentrar no universo da obra literária, falar em “construção” – de gênero, de sujeitos, de personagens – é pertinente quando, ao entrar em contato com *Deixei ele lá e vim*, a narradora e protagonista de sua história, Shirley Marlone, como assim é chamada e conhecida no romance, embora não seja seu nome verdadeiro, constrói sua própria trajetória, suas impressões e, conseqüentemente, sua identidade sob o pano de fundo do assassinato de Dô, Dorothy, ou Maria Das Dores.

Desempregada, a narradora tenta a sorte em um teste de gravação organizado por um grupo que, sob a máscara de agência de modelos Mamãeoutrinha, gerencia prostitutas, antes de seguir sua decisão de mudar-se para outra cidade. Sem sucesso, ela vai ao restaurante de um hotel onde trabalha sua amiga Meire, carregando no sutiã um bolo de notas que conseguiu vendendo sexo. Ao fim do expediente, ela e Meire, na companhia também de Dô, conversam noite afora sob um caramanchão na praia em que fica o hotel. No dia seguinte, o corpo sem vida de Dô é encontrado boiando pelas águas sem que seja possível saber ao certo o que de fato aconteceu – assassinato ou acidente. A partir desse evento, são desencadeadas discussões no hotel sobre a autoria do assassinato, e a própria Shirley circula em dúvidas e deixa em aberto se ela estaria ou não envolvida na morte de Dô.

Apesar da trama policial, o foco do romance não é a investigação do caso ou descobrir quem seria responsável pela morte da moça – e, afinal, não é possível saber com certeza –, mas sim o enigma que circunda a narradora, sua identidade, suas verdades, suas mentiras e o seu sentimento diante do mundo e de si mesma.

Shirley, com uma mochila de lona amarela nas costas e a intenção de pegar um ônibus que vá para São Paulo, está em constante deslocamento, não apenas de lugar, mas de si. Há uma vontade de seguir em frente, mesmo quando não há de fato um destino ou um “em-frente”, mas apenas aquele integrado ao seu próprio momento e caminho:

O foco no falso destino como flutua a bem dizer, despreza da coisa em si e cria como que um pontilhado, por cima. Nesse momento, o seu ir-em-frente não depende de mais nada, você

adquire um destino perenemente ajustável (...). Quando isso acontece, você passa a saber que não faz mais diferença por onde e para onde vai. Seu destino estará sempre integrado com o que existir naquele momento. E no seguinte, e no seguinte, até você esquecer completamente da necessidade de saber para que lado é o em-frente. (DELV¹, p. 18)

O deslocamento de si, em que ela deixa para trás seus caminhos e a si própria, também é percebido nas entrelinhas deixadas quando afirma que “pensava no que penso, todas as vezes que deixo para trás algo ou alguém – aí incluindo um dos meus eus ou mais de um – e venho para um lugar que nunca sei qual é, nem me importo” (DELV, p. 91).

A narradora afirma que existem, em sua história, falhas e buracos que irá preencher ao longo da narrativa (DELV, p.10). Essa afirmação leva a crer que seu destino não está, de fato, definido, mas que, no percurso dos eventos e, à medida que são contados, ele é construído e reconstruído com lembranças e imagens que passam pela sua cabeça que, intencionalmente, confundem a leitora ou o leitor sobre o que de fato aconteceu ou poderia ter acontecido. Entre verdades e mentiras, mentiras que Shirley aprendeu desde menininha, os vãos da história que conta são preenchidos pelo fluxo de suas ideias, pensamentos, vivências e encontros com as demais personagens do enredo, que conseguem, ainda, deixar “em aberto” o que de fato teria acontecido nesse pano de fundo que é a morte de Dô, momento percebido no fechamento da narrativa: “Não havia nada sobre Dô, o hotel, o Vidigal. Nem no dia 10 nem no dia seguinte, nem no seguinte do seguinte e nos outros que abri até cansar” (DELV, p.149).

Entre os vãos que são preenchidos pela narradora, também fica aberto um vão a ser preenchido pelo/a próprio/a leitor/a: a identidade de Shirley. A própria ausência de seu nome verdadeiro, colocado apenas como Shirley Marlone, nome pelo qual fica conhecida, ou “A Grande Shirley Marlone”, torna difícil a sua definição que acaba ficando a critério de quem escuta ou quem pergunta:

E meu nome completo? Nesse item tenho um truque que uso quando preciso, e mesmo quando não preciso, e que me salva de ficar parada, congelada, pensando em cada um dos meus nomes e como esses nomes soariam se se referissem a outra pessoa que não eu. E como fico eu, quando definida por esses nomes no ouvido de quem pergunta. (DELV, p. 140)

A indefinição do nome próprio torna o romance ainda mais carregado de construções e desconstruções. Isso porque, a partir da existência de uma

¹ As citações retiradas diretamente do romance *Deixei ele lá e vim* são referidas pela sigla DELV, seguida do número da página.

personagem, o/a leitor/a cria dessa personagem uma referência: constrói, em sua leitura, quem seria Shirley, Meire ou Teresa. Mas quando surge a figura de Bibu, Bubu, não importa mais se, ao final da leitura, descobrimos que se trata de Sebastião, ou Tião. A cada referência que a narradora faz, um apelido diferente é usado, desconstruindo a própria personagem. A mesma desconstrução, de uma maneira diferente, acontece com Dô. Dorothy, como é conhecida entre colegas da filmagem, ou Das Dores, Maria Das Dores, como Meire a conhece e Shirley também passa a conhecê-la.

Um nome próprio, que busca trazer para as pessoas uma definição diante das outras, uma imagem ou uma referência que pode ser usada para sabermos de quem se trata, é tratado em *Deixei ele lá e vim*, na verdade, como uma indefinição. Indefinição que vem acompanhada, também, da indefinição da própria Shirley, como ela mesma se coloca: “Shirley Marlone (sendo que Shirley Marlone não é seu nome verdadeiro)”, “a assim chamada mulher esquisita”, “a mulher nua (a esquisita)” e “essa mulher (a nua, a esquisita, a que goza duas vezes), que viaja apenas com uma mochila amarela, de lona, com as tiras de couro cru” (DELV, pp.125-126). Essas indefinições são feitas em um momento de reflexão durante uma conversa com Bibu, que a chama de esquisita, no quarto de hotel em que haviam transado.

Entre nomes e identidades, outra dúvida que paira sobre Shirley é a possível discrepância entre seu sexo biológico, de nascimento, e o gênero feminino o qual ela assume para si como mulher. E não há dúvidas, durante a leitura do romance, de que, pelo menos o momento de sua história que é contado nas páginas publicadas do livro, ela é mulher. Mas a possível característica transexual permeia as entrelinhas da frase que sempre tentava dizer e para a qual buscava momento ou plateia. “Deixei ele lá e vim”, mais do que o título do romance, é um enunciado que pode ser visto como um momento em que Shirley busca prender-se ao seu momento presente e, também, à identidade de gênero que assumiu:

Deixei ele lá e vim, e, quando pisei no sol do lado de fora, a mulher ainda gritou: “Ei, não vai levar as cinzas?”. Eu disse “não”, com a cabeça, sorrindo e sem me importar que ela me visse sorrindo. Já dava para sorrir sem susto. Nada mais podia dar errado. A falsificação da assinatura da minha irmã tinha passado, em meio a um diálogo. (DELV, p.90)

No momento em que assume, ainda que momentaneamente, a identidade da irmã para lidar com a cremação de seu pai, ela toma para si não apenas o

documento e a assinatura, mas também a imagem que apresenta, a produção e a primeira impressão que busca através da visão de seu corpo, já colocado e identificado, para si, como feminino:

Então entreguei o papel assinado por mim, com firma reconhecida em cartório, e me apresentei como sendo minha irmã, e assinei o nome dela por ela, na frente da mulher, mostrando no ato a carteira de identidade dela, cujo retrato, com boa vontade, não diferia muito do que a mulher via, maquiagem, óculos escuros e esforços de penteado atuantes, na sua frente (DELV, p.90).

A construção que Shirley faz de sua imagem para apresentar-se à mulher e, também, para o mundo, pode representar um ponto observado também por Virgínia Maria Vasconcelos Leal como “uma inadequação de seu corpo [que] vem desde a infância” (LEAL, 2011, p.226).

Pode-se dizer que o nome de uma pessoa é a segunda ponte que existe entre um indivíduo e “o outro” ou “a outra”. O nome, aquela que nos define, ou tenta nos definir, desde o nascimento – seja aquele quando saímos do ventre, seja aquele em que nascemos para a sociedade e para nós mesmas/os. A primeira é o corpo, a primeira imagem que uma pessoa tem ao deparar-se com outra. Construções, vivências, experiências, conhecimento da vida e dos pensamentos de outrem, isso vem sempre depois do primeiro contato.

Se Shirley, então, encontra-se num quadro de inadequação ao seu corpo, isso pode ser observado nas primeiras páginas, quando Meire olha para seus “peitos chatos. Ridículos, os peitinhos”, com o “siliconezinho” torto (DELV, p.7). Ainda sim, a dúvida surge no início da leitura apenas quando a leitora ou o leitor assume que os seios são parte fundamental do corpo da mulher, devendo, então, apresentar-se em tamanho adequado para serem visíveis. Essa visão pode, entretanto, ignorar o fato de que as mulheres que assim são por nascimento, colocando nesse ponto como uma situação biológica, também podem ter seios pequenos e quase imperceptíveis – ainda que com silicone. Assim como seios pequenos, as pessoas que têm seu gênero biológico feminino também podem ter pelos no rosto como os de Shirley no trecho: “E ele, aqui, fecho a porta do banheiro quando, com a pinça, tiro os pelos duros que **ainda** nascem (poucos) no meu queixo” (DELV, p.144, grifo meu). Mas, uma vez que, ao longo do romance, as construções usadas por Elvira Vigna deixam em aberto a definição de Shirley como transexual, o uso do “ainda” pode nos dar a impressão de que alguma coisa aconteceu ao longo de sua história. Ela *ainda*

remove os pelos, coisa que provavelmente já fez no passado mas que, em um provável futuro, espera que não faça mais.

Elvira Vigna apresenta, ainda, outras estratégias para deixar suspensas as definições, quando brinca com usos do masculino e feminino enquanto a narradora trata de sua história e, também, de partes de seu próprio corpo, muitas vezes vistos como um organismo estranho, uma inadequação a si mesma. Quando passa mal no banheiro, Shirley tenta vomitar, colocar para fora algo dentro de si que não é apenas a coisa verde que comeu no restaurante, mas um sentimento de infelicidade que encontra no mundo e em sua infância, uma insatisfação com seu corpo e a sua aparência que está fora dos padrões que exigiam nas gravações para as quais quis fazer um teste. “Tenho de por **ele** pra fora. Tem mais coisa para pôr para fora. Minha infância infeliz, a injustiça do mundo, o porquê de eu não ter nascido loirona” (DELV, p. 11, grifo meu). O uso do pronome “ele”, mais do que apenas o vômito, palavra masculina, ao encontrar-se em na frase pronta “tenho de por ele pra fora”, pode remeter, também, ao seu sexo biológico masculino, aquele com o qual não se identifica e não se satisfaz.

Ainda no banheiro, enquanto sente indigestão pela bebida, pela vida que leva, pela pessoa que é, ao tentar levantar-se, Shirley observa o próprio pé esquerdo como um objeto que está fora de seu corpo, momento em que o pronome masculino também apresenta sua graça na narrativa ao encontrar-se tão próximo do pronome “eu”, que seria a própria Shirley, em uma brincadeira de aproximação e palavras em que “eu” e “ele” tornam-se próximos o bastante para sugerir serem um só.

Balanço o pé esquerdo. Não que esteja dormente. Apenas não é meu.

Recém-chegado a esta organização que, em falta de melhor definição, chamo de **eu, ele**, no entanto, não se nega a me acompanhar, e se arrasta embaixo de mim porta afora. Consigo de alguma maneira me tornar uma só unidade, fazer com que meus pedaços, sempre tão díspares, se integrem. Nunca dura, mas aproveito. (DELV, p.24, grifo meu).

A possível interpretação de Shirley como transexual também é apresentada por Adelaide Calhman de Miranda quando diz que, diante da afirmação da personagem Meire sobre os “peitinhos” de Shirley, “esse é o primeiro indício de que o sexo biológico de Shirley pode não coincidir com o gênero assumido pela protagonista, que se identifica claramente como mulher” (MIRANDA, 2008, p. 47). A autora também lembra a importância de se desconfiar da narradora, profissional em

mentiras, que “induz à reflexão sobre a convivência de todos os atores sociais diante de qualquer história de exclusão” (MIRANDA, 2008, p. 47).

Sem saber a verdade sobre a morte de Dô e sobre a identidade de Shirley, o/a leitor/a encontra desconfiança em tudo o que apresenta a narradora, dificultando uma definição padrão de seu gênero e sua sexualidade. Os jogos de palavras que Elvira Vigna coloca entre masculino e feminino que podem confundir a leitora ou o leitor do romance, com a clara intenção de desconstruir aquilo que a sociedade e a língua entendem por masculino e feminino, homem e mulher, trazem a incerteza de sua identidade e a incerteza do que teria, também, acontecido com Dô:

No quadrado preto (preciso mexer em alguma tecla para manter Tião no sofá), me volta a imagem que nunca vi, a de Dô boiando na água. Tenho essa imagem, que na verdade nunca vi e não tenho outra. A de mim, me abaixando para pegar um revólver sujo na areia, semi-enterrado na areia, apontar esse revólver sujo de areia para Dô, para a bunda de Dô, que rebolava, afetada, enorme, tão parecida com a que eu não tinha quando eu também, caricato, ridículo, falso, rebolava para tentar ser alguma coisa, qualquer coisa. (DELV, p. 145)

Haveria a possibilidade, ainda, de imaginar uma mulher que tenha nascido com o sexo biológico feminino que não tenha o corpo desejado ou avantajado, assim como o de Dô, que é bastante reforçado pela sociedade como algo acentuado em qualquer mulher, não fosse o uso do masculino para tratar de si mesma: caricato, ridículo, falso. Poderia ser um momento em que Shirley lembrou-se da sua tentativa de rebolar a bunda que não tinha enquanto tentava mostrar para a sociedade, para as pessoas, que aquilo também a tornava mulher, ainda que de maneira falsa e caricata.

Ao imaginar-se em uma relação sexual com sua amiga Meire, que é lésbica, Shirley reflete: “Fico pensando como será essa trepada. Acho que vai pintar. Será engraçado. Afinal, um homem e uma mulher, só que ao contrário” (DELV, p. 149).

Para Adelaide Calhman de Miranda, Elvira Vigna provoca uma ruptura revolucionária com relação aos discursos de gênero ao dissimular a sexualidade de Shirley. Não há naturalidade na narrativa, as identidades todas são instáveis, os gêneros, o sexo, o corpo ideal, os nomes. Tudo no romance, conforme a autora, é queer, uma transgressão perturbadora por representar a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada (MIRANDA, 2008, p. 52).

Por estar “fora dos padrões”, Shirley Marlone é notada pelas pessoas à volta, por desconfiança, por estranhamento ou por outros motivos que a leitora e o leitor podem trazer à tona quando ela fala dos olhares que recebe, as pessoas que olham para ela, com ou sem curiosidade, no restaurante quando Dô ainda estava viva, ou pela manhã, quando todos/as discutiam seu desaparecimento. O trecho “As pessoas, que olharam Bubu, me olham, sempre um desconforto, nem precisava ser nessas circunstâncias” (DELV, p. 129) mostra que, independente da circunstância em que um assassinato ocorrera, Shirley já recebe olhares que a deixam desconfortável.

Um avaliador de hotéis – e peitos e coxas – aproxima-se dela. “Alguém falava comigo. É impressionante como repetem sempre o mesmo erro, não é para falar comigo, sempre acho que a minha cara não deixa dúvidas quanto a isso” (DELV, p. 84). Shirley tenta colocar que, talvez por acostumar-se com os olhares estranhos e curiosos sobre ela, sua cara deixa claro que as pessoas não deveriam se aproximar. Percebe-se, então de forma mais clara, o estranhamento que a protagonista enfrenta quando o avaliador olha para ela pela primeira vez. “Ele olha mais para mim. Depois levanta. Diz que já vai. Fala, baixo e subitamente apressado, que tem de fazer alguma coisa. Não escuto bem. Alguma coisa, antes de seguir viagem” (DELV, p. 83).

O encontro com o avaliador não deixa claro se o estranhamento foi causado por preconceito ao notar, ou desconfiar, que Shirley pudesse identificar-se como um gênero divergente de seu sexo biológico, uma transexual, ou simplesmente por tê-la reconhecido, já que Shirley o viu saindo do quarto da “mulher dos pezinhos”, uma das hóspedes, casada, de quem pegou o celular no banheiro.

Dentro de uma sociedade que ainda vê o gênero como uma pré-determinação biológica, com características sólidas e definições prontas, o romance de Elvira Vigna, *Deixei ele lá e vim*, traz para a literatura uma transgressão das identidades: nomes, corpo, gênero... Tudo, através da visão de Shirley e das instabilidades de sua narrativa, pode ser questionado, desde a veracidade da história contada pela narradora até suas lembranças, fatos, memórias, seu corpo e seu gênero. Não há certezas, apenas possibilidades, interpretações e entrelinhas dissolvidas nas palavras e nas memórias da protagonista. A mistura do gênero, do masculino e do

feminino, de homem e mulher, de sexos e transas, de banheiros para homens e mulheres, apresenta, para a leitora e o leitor, a indefinição como ponto de partida para questionar, também, os padrões e as estabilidades de uma sociedade dicotômica e heteronormativa, tudo isso com um romance que ultrapassa as barreiras do gênero e da sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar as maneiras como a autora Elvira Vigna, no romance *Deixei ele lá e vim*, construiu os questionamentos acerca da identidade de gênero da narradora protagonista da obra. Através das diferentes interpretações que a linguagem literária oferece à leitora e ao leitor, é possível avaliar diferentes maneiras como o sujeito se vê e se mostra ao mundo. O discurso presente no texto do romance alterna usos do feminino e do masculino com o objetivo claro que confundir quem lê e permitir que o gênero da personagem seja questionado e, principalmente, indefinido.

Shirley Marlone é colocada por diferentes pessoas que leram a obra como uma travesti², porém, essa definição é construída com base no que cada leitora ou leitor compreende como identidade de gênero e nas interpretações feitas a partir de suas próprias experiências e conceitos. Esta monografia não objetivou determinar qual é a identidade da personagem, e, sim, apresentar uma leitura baseada não apenas no que conhecemos como homem, mulher ou travesti, mas também na ideia de não aceitação do próprio corpo: algo que pode acontecer não apenas com travestis e transgêneros, mas também com homens e mulheres que assim foram determinados/as pela sociedade e pela biologia.

Apesar da possibilidade de a personagem ter nascido com um sexo biológico diferente daquele com o qual ela se identifica, essa interpretação só é possível quando nos deparamos, durante a leitura do romance, com as constantes passagens em que Shirley parece estar insatisfeita consigo mesma, com quem é e com sua aparência, como na passagem em que ela afirma que “a última coisa que pensa é na palavra *fim* e que ela é uma boa invenção para quando não conseguimos mais nos suportar” (DELV, p. 77). A relação que a narradora tem com seu próprio corpo vem acompanhada de uma sensação de não pertencimento, como se a personagem experimentasse uma sensação de incompletude. Um exemplo é quando ela afirma: “E havia um molhado quente a esfriar aos poucos no meio das

² As críticas sobre o romance que apontam a personagem como travesti podem ser encontradas no *site* da autora <<http://vigna.com.br/livdeixeicri>> ou mesmo na Wikipedia <http://pt.wikipedia.org/wiki/Elvira_Vigna>. Acesso em 24. nov. 2014.

minhas pernas. Aos poucos percebo que é urina, uma reconfortante urina morna a me envolver num **ainda-eu-não-de-todo-eu**” (DELV, p. 113, grifo meu).

Travesti ou mulher – por nascimento ou consideração –, Shirley Marlone é uma narradora que apresenta nuances de que, afinal, não há como estabelecer uma certeza ao tentar definir sua identidade. Existem diversas possibilidades quando, nas palavras presentes no romance e na mente da leitora ou do leitor, cruzam-se masculino e feminino. Convém, neste momento, finalizar com as palavras emprestadas da personagem Shirley Marlone para compreender, afinal, o cerne das representações de gênero em *Deixei ele lá e vim*: “É esta a ligação. Duas coisas que se mexem sem barulho. Há várias lógicas neste mundo. Há vários mundos. Todos e todas ao mesmo tempo”. (DELV, pp. 20-21).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fonte primária

VIGNA, Elvira. *Deixei ele lá e vim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Fontes secundárias

BAKTHIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de estética: a teoria do romance*. 6ª edição. São Paulo: Hucitec Editora, 2010.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 12ª Edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª edição. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. “Corpos, gêneros e identidades nos romances de Elvira Vigna”. In: GOMES, Carlos Magno; ZOLIN, Lúcia Osana (org). *Deslocamentos da escritora brasileira*. Editora Universidade Estadual de Maringá, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MIRANDA, Adelaide Calhman de. “Gêneros indefinidos e corpos inadequados revelam ideal feminino inatingível, em *Deixei ele lá e vim*, de Elvira Vigna”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 32. Brasília, julho-dezembro, 2008, pp. 47-56.

OLIVEIRA, Silvana Pessôa; SANTOS, Luis Alberto Brandão. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SEFFNER, Fernando. “Identidade de gênero, orientação sexual e vulnerabilidade social: pensando algumas situações brasileiras”. In: BOKANY, Vilma; VENTURI, Gustavo (org). *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SIMPSON, Keyla. “Travestis: entre a atração e a aversão”. In: BOKANY, Vilma; VENTURI, Gustavo (org). *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

TINOCO, Robson Coelho. *Leitor real e teoria da recepção: travessias contemporâneas*. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.

VIGNA, Elvira. Texto da apresentação “Pessoas perdidas, em trânsito ou de passagem”, de 19/09/2014, na Primeira Festado Livro do Vale do São Francisco, Petrolina – Pernambuco. Disponível em: <<http://vigna.com.br/divpessoas/>>. Acesso em: 24 nov. 2014.

ZAMBRANO, Elizabeth. “Transexuais: identidade e cidadania”. In: BOKANY, Vilma; VENTURI, Gustavo (org). *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.